



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

Guerra, Susana

Deixar correr a tinta, estancar o sangue: Cartas de António Lobo Antunes em Angola

Estudos Ibero-Americanos, vol. 43, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 172-181

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134650104015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Deixar correr a tinta, estancar o sangue: Cartas de António Lobo Antunes em Angola

Let the paint flow, stop the bleeding: Letters from Angola by António Lobo Antunes

Dejar correr la tinta, estancar la sangre: Cartas de António Lobo Antunes en Angola

Susana Guerra*

Resumo: Em 1971, António Lobo Antunes é mobilizado para combater em África. Vê assim interrompido o curso dos dias em Lisboa: privado da companhia da mulher, privado também do contato com familiares e amigos, deixa em suspenso uma vida para dar início a outra – mas isso não é vida. A fragilidade causada pela guerra e a banalização da morte dão-lhe a conhecer um outro grau na manifestação da exceção. É desse lugar que começa a escrever cartas para Maria José, a sua mulher, numa escrita ansiosa que regressa repetidamente a questões ligadas a um cotidiano que pretende recuperar. Ao adentrar-nos na leitura destes breves momentos – tecido de relações cotidianas que constrói com a ida e volta das cartas – pretendemos com o presente trabalho, pensar a forma singular de resistência que oferecem estas cartas escritas em tempos de exceção: uma resistência que tem que ver com o particular, sendo, acima de tudo, palavras de pessoas comuns, situadas por fora do protagonismo militar ou político, que guardam a memória de acontecimentos traumáticos. Pretendemos igualmente contribuir para a abertura aos problemas historiográficos derivados da persistência de uma versão única e cristalizada da história, que insiste em passar a página de um tema que não se encontra encerrado, de uma justiça que tarda, considerando as vozes *abaixo da superfície* – por uma sociedade contra as políticas de desmemoria, pela recuperação da memória dos tempos da ditadura.

Palavras chave: Estado de exceção; Guerra; Cartas; António Lobo Antunes.

Abstract: In 1971, António Lobo Antunes is mobilized to fight in Africa. Therefore, he gets the course of the days in Lisbon interrupted: bereft of the company of his wife, bereft as well of his friends and family, leaves one life in suspension to start another one – but that is not life. The fragility caused by war and the banalization of death let him know another level of exception. From that place, he starts writing letters to Maria José, his wife, with an anxious writing that repeatedly returns to daily matters, which he aims to restore. Taking the reading of these brief moments – a fabric of everyday relations put together by correspondence – this paper aims to think this unique form of resistance offered by these letters written in times of exception: a resistance concerning the private, been, above all, words of common people, with no political nor military role, that keep the memory of traumatic events. We also aim to contribute to open historiographical problems derived from the persistence of a unique version of history for a matter that is not closed, from an overdue justice, considering the voices *above the surface* – to recover the memory from dictatorship times.

Keywords: State of Exception; War; Letters; António Lobo Antunes.

Resumen: En 1971, António Lobo Antunes es movilizado para combatir en África. Ve así interrumpido el curso de los días en Lisboa: privado de la compañía de la mujer, privado también del contacto con familiares y amigos, deja en suspenso una vida para dar inicio a otra – pero eso no es vida. La fragilidad causada por la guerra y la banalización de la muerte le dan a conocer otro grado de manifestación de la excepción. Es desde ese lugar que comienza a escribir cartas para María José, su mujer, en una escritura ansiosa que regresa repetidamente a cuestiones liadas a un cotidiano que pretende recuperar. Al adentrarnos en

* Bolsista Capes de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Graduada em História (Iscte – Lisboa, Portugal) e doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

la lectura de estos breves momentos –tejido de relaciones cotidianas que construye con el ir y venir de la cartas– pretendemos con el presente trabajo pensar la forma singular de resistencia que ofrecen estas cartas escritas en tiempos de excepción; una resistencia que tiene que ver con lo particular, estando constituida, sobre todo, por palabras de personas comunes, lejos del protagonismo militar o político, que guardan la memoria de acontecimientos traumáticos. Pretendemos igualmente contribuir para la apertura de los problemas historiográficos derivados de la persistencia de una versión única y cristalizada de la historia, que insiste en pasar la página de un tema que no se encuentra encerrado, de una justicia que tarda, considerando las voces *debajo de la superficie* – por una sociedad contra las políticas de la desmemoria, por la superación de la memoria de los tiempos de la dictadura.

Palavras clave: Estado de Excepción; Guerra; Cartas; António Lobo Antunes.

No regime que criaram, Humanidade é exceção.

(BERTOLT BRECHT, *A exceção e a regra*)

Dentro das múltiplas formas de fazer luz sobre as histórias particulares daqueles que um dia embateram contra a ditadura, o confinamento, a guerra, a privação de familiares e amigos, a carta portando mensagens dos anos duros tem vindo a ganhar visibilidade e importância. São, acima de tudo, palavras de pessoas comuns, situadas por fora do protagonismo militar ou político. Guardam a memória de acontecimentos traumáticos que algum dia, algures, alguém sofreu – alguém que, procurando conjurar a dor, fez da escrita epistolar “um espaço de encontro na distância, a possibilidade de uma partilha de vozes” (FENATI, 2012, p. iii). Sejam as cartas que Celso Afonso de Castro, militante de esquerda, escreve à mulher enquanto exilado, e posteriormente recuperadas pela filha, Flavia Castro, no documentário *Diário de uma busca*¹; sejam as falas dos meninos de rua angolanos, histórias dramáticas do pós-guerra, cunhadas sob a forma de cartas no documentário *Angola: Saudades de quem te ama*, de Richard Pakleppa²; a coleção *Cartas de la ditadura*, constituída por um conjunto de sete mil cartas doadas à Biblioteca Nacional Argentina, cartas pelas quais as presas políticas da prisão de Devoto quebraram um dia o isolamento a que estavam confinadas e se comunicaram com os seus filhos; a carta que António Bento, furriel português na guerra em África, escreveu a Zito, o filho angolano a quem deixou para trás (junto com tantos outros “filhos do vento”), onde expressa o desejo de revê-lo, quarenta anos volvidos.

¹ *Diário de Uma Busca*. Diretor: Flavia Castro. Brasil-França: Les Films du Poisson/Tambellini Filmes, 2010. DVD. 108 min.

² *Angola: Saudades from the One Who Loves You*. Diretor: Richard Pakleppa. África do Sul, Namíbia: Luna Films/On Land Productions, 2006. DVD. 70 min.

As cartas relançam, sempre, uma história que não se encontra encerrada, ao persistir na procura de um destinatário que podemos ser todos aqueles que estivermos dispostos a abrir-nos a essa história de dor e desespero, mas também de consolo e esperança: como a carta que Juan Gelman dirige à sua neta extraviada³ (ilegalmente apropriada), dezenove anos depois, carta também dirigida ao seu filho e à sua nora, Marcelo e María Cláudia, que ainda partilham o estatuto de desaparecidos da ditadura militar argentina, juntamente com cerca de trinta mil outras pessoas; ou como a *Carta de um león a otro*, a alegoria de Chico Novarro sobre a opressão experimentada por toda uma geração; ou como *La carta de Violeta Parra*⁴, música popularizada por Mercedes Sosa, na qual conta como lhe disseram que o seu irmão havia sido preso por apoiar uma greve; ou como a carta de Rodolfo Walsh ao seu amigo Paco Urondo⁵,

³ Juan Gelman, poeta argentino, publicou a 23 de dezembro de 1998, no semanário Brecha de Montevideo, *Carta a mi nieto*, ainda na sua ausência e na qual lhe relatava a história da detenção e assassinato dos seus pais em 1976, às mãos de um comando militar da ditadura, e os seus sentimentos com relação a um possível reencontro. Gelman viria a recuperar a neta, Macarena, em 2000, vinte e três anos passados da sua apropriação por uma família uruguaia. A persistência com que Gelman procurou desvendar o paradeiro de Macarena, e a notoriedade alcançada pelo caso, tornou-o emblemático no que toca ao trabalho de resgate da identidade dos cerca de 500 bebés apropriados pela ditadura argentina entre 1975 e 1983 (estimados em mais de 500), cuja continuidade se deve à associação Abuelas de Plaza de Mayo, com a restituição de 120 pessoas às suas famílias biológicas até aos dias de hoje (<https://www.abuelas.org.ar/caso/buscar?tipo=3>). *Carta aberta a mi nieto*. Disponível em: <http://www.juangelman.net/2011/07/13/carta-abierta-a-mi-nieto/>.

⁴ Música lançada por Violeta Parra em 1971, cujo título inédito é *Los hambrientos piden pan*.

⁵ Francisco “Paco” Urondo, escritor argentino, fora assassinado pela polícia em 1976. Roberto Walsh, que viria a ser, igualmente, vítima da ditadura militar argentina, era seu amigo e partilhava com Urondo a militância política nos *Montoneros*. Por ocasião da morte de Urondo, Walsh publica *Semblanza escrita en ocasión de la muerte de Paco Urondo*, uma homenagem à dedicação intelectual e ao sacrifício militante de Urondo. Ver Juan Gelman, “Urondo, Walsh, Conti: La clara dignidad”. In: *Prosa de prensa*. Buenos Aires: Zeta, 1997. p. 13-16.

poeta e militante assassinado pela ditadura, ou como essa outra carta de Walsh, a carta aberta que publica num jornal de Buenos Aires denunciando o golpe de 1976, uma carta com a qual pagará com a vida para que chegue ao seu destinatário⁶; ou como a carta aberta *De Lisboa*, pelos trabalhistas brasileiros no exílio em Portugal; ou como a carta de Eduardo Galeano *Ao Futuro...*

Se é certo que, há bem pouco tempo atrás, a carta era um meio bem mais comum de comunicação, também é certo que restrições de variadas ordens faziam do papel em trânsito um objeto vulnerável ao extravio e ao esquecimento. E, da mesma forma que hoje, a urgência de comunicar-se muitas vezes sacrificava, em prol da rapidez, o valor da própria escrita, secundarizando a tradução fiel das experiências partilhadas, convertidas num sentimento quase monossilábico pelo custo elevado dos telegramas, que obrigava a medir as palavras. Mas sempre existiram situações complexas, experiências limite, que exigiram mais do que palavras medidas – e a verdade é que as cartas sempre proliferaram em tempos de exceção.

Em 1971, António Lobo Antunes (hoje um dos escritores portugueses mais reconhecidos) é mobilizado para a guerra em África⁷. Opta pela recruta, em lugar do exílio em Paris, e é por isso obrigado a uma comissão de vinte e sete meses, passados entre vários destacamentos em Angola, numa guerra sem fim à vista que se arrasta já por uma década⁸. Lobo Antunes vê assim interrompido o curso da sua vida em Lisboa: privado da companhia da mulher (com quem havia casado pouco tempo antes, encontrando-se ela grávida da sua primeira filha), privado também do contato com familiares e amigos, deixa em suspenso uma vida para dar início a outra.

⁶ Walsh seria assassinado em 1977, logo após publicar a *Carta abierta de un escritor a la Junta Militar*, através da qual denunciava o esboroamento das instituições democráticas promovido pela atuação da ditadura militar, como os crimes levados a cabo pelos militares contra a população argentina (as perseguições e sequestros, a privação da liberdade, a tortura e, finalmente, o extermínio, como recursos sistemáticos para instaurar o medo e erradicar qualquer forma de dissenso), denunciando também o teor do programa político da junta militar, beneficiador de uma élite minoritária pela promoção de uma política de conversão das classes populares à miséria. Está considerado até hoje como desaparecido. Ver: *Carta abierta de um escritor à Junta Militar*, março de 1976. Disponível em: http://www.jus.gob.ar/media/2940407/carta_rw-portugues-espa_ol_web.pdf.

⁷ Lobo Antunes é destacado como médico do exército português em Angola (ainda que carregasse consigo uma arma, com a qual dormia durante a noite, em caso de ataque à companhia).

⁸ Em Portugal, o serviço militar obrigatório era de quatro anos, sendo dois anos, no mínimo, cumpridos no ultramar.

Lobo Antunes nasce com o país em ditadura e a sua existência dá-se num cenário onde a liberdade, os direitos e as garantias fundamentais se encontram suspensos, em virtude do governo do Estado Novo. Com a guerra conhece mais uma forma de exceção, elevada a uma potência maior, onde a destruição é norma. Obrigado a permanecer longe de casa, num país sujeito à lei marcial, Lobo Antunes testemunha a insignificância da vida humana, desprezada pelo direito de matar e a eventualidade de ser morto, objetivo último da situação que lhe cabe viver em diante: o assassinato, a tortura, o estupro, a destruição das aldeias, a exposição ao combate e aos ferimentos e a “caça ao inimigo” – que é toda a população civil; condições limite de uma vida marcada pela escassez de água e alimentos; por fim, o isolamento. A fragilidade da vida pela banalização da morte dá-lhe a conhecer um outro grau na manifestação da exceção. É desse lugar que começa a escrever cartas para a sua mulher.

As cartas, cerca de quatrocentos aerogramas escritos quase diariamente, têm origem nas suas diferentes estadias: desde Luanda, na chegada, passando por Gago Coutinho, Ninda, Chiúme e Marimba.⁹ Escreve a primeira carta ainda durante a viagem, numa paragem na Madeira. A última, em Janeiro de 1973, é escrita pouco antes do fim da comissão, enquanto espera que a família chegue de Lisboa, para acompanhá-lo nas últimas semanas de serviço. A correspondência é interrompida pelo regresso de Lobo Antunes nas férias e pelos dois encontros com a mulher e a filha em Angola.

Recém-chegado a Angola, as primeiras cartas que escreve após instalar-se na companhia carregam um registo assaltado de angústia, e o seu tom nos desarma pelas impressões de catástrofe tão súbitas, tão precocemente sentidas – encontra-se em plena zona de guerra. O purgatório e o inferno são analogias anunciadas, lógicas, das quais Lobo Antunes abusa para referir-se às situações com que se depara: as más condições de alojamento, o medo (das tempestades, dos ataques), a saudade, o desejo de fugir, a apatia. Refere frequentemente os perigos a que as suas atividades diárias estão sujeitas, e não se coíbe em

⁹ O aerograma era o meio de comunicação preferencial das tropas em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, com as suas famílias. Eram envelopes-carta editados pelo Movimento Nacional Feminino e transportados gratuitamente pela TAP (a transportadora aérea portuguesa). O sigilo de correspondência ficou sem efeito durante a Guerra Colonial, e a polícia podia abrir as cartas, censurá-las ou apreendê-las. Muitas destas cartas nunca chegaram ao seu destino e encontram-se nos arquivos em Lisboa.

descrever os hipotéticos desfechos trágicos que por elas se encontra exposto – desde as incursões pela floresta onde se reúnem os grupos armados às ameaças de ataques: “O MPLA¹⁰ condenou-nos todos à morte pela rádio, e diz que a sentença será cumprida ainda este ano! Ouvir a sua própria sentença em português impecável é extremamente curioso, como sensação, claro” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 52), desde as viagens de avião em aparelhos obsoletos, à ameaça de enfermidades mortíferas, do destacamento para zonas ainda mais remotas e hostis – “E toda a gente diz que tivemos imenso azar com a zona para onde vamos” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 22), tocando as consequências da guerra sobre os indivíduos, sujeitos a condições extremas de violência que conduzem muitos à loucura¹¹. Isolado em seu confinamento forçoso, o seu ânimo revela-se frágil:

Não me apetece comer nem dormir: passeio no quartel, em ruas com tabuletas que coincidem comigo (rua do quero-me ir embora, largo tirem-me daqui, avenida estou farto, etc.), escritos pelos soldados numa letra camarária (LOBO ANTUNES, 2007, p. 31).

Alusão com caráter de presságio, jogando sombras sobre um tempo por chegar. Lobo Antunes sente já tudo isso, e teme não poder suportá-lo. Faltam 100 semanas para regressar a casa.

A correspondência de Lobo Antunes com a sua mulher, uma atividade de caráter privado e íntimo, contempla referências a uma série de assuntos e reflexões que, além de falar-nos do modo como o estado de guerra influi sobre o seu estado de espírito, trazem informações essenciais sobre o modo como Lobo Antunes vive o tempo de exceção no qual se encontra. Ao adentrar-nos na leitura destes breves momentos de vida suspensa, tentaremos entender

¹⁰ O MPLA, de Agostinho Neto, foi o movimento que impulsionou a rebelião armada nacionalista no Nordeste e Norte de Angola, obrigando Portugal a enviar quarenta mil soldados para fazer frente ao levantamento. Inicialmente um movimento de luta pela independência de Angola, transforma-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Após o cessar-fogo com a UNITA, o FNLA e MPLA, a independência de Angola foi estabelecida em Janeiro de 1975, com a assinatura do Acordo do Alvor.

¹¹ Nas suas cartas encontramos várias referências à loucura que vai acometendo os soldados. A última (breve) carta que escreve antes regressar termina com uma referência ao estado de perturbação que dominava o quartel, com Lobo Antunes questionando-se se o seu próprio destino final seria um hospital psiquiátrico: “O capitão, coitado, está como eu: agora resolveu acampar no jeep, e aí leva os dias, sentado no banco, a morder a boquilha, com ar ausente, sem fazer nada.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 423).

como se configura esse estado de exceção e como se manifesta a resistência através do exercício da escrita de cartas. Perguntar-nos: a que tenta escapar Lobo Antunes enquanto escreve estas cartas? O que precisa manter daquilo que conhece, que conheceu e que era seu, que conformava a riqueza da sua vida em Lisboa e que, subitamente, desaparece para ele, tal como ele, ausente, deixa de existir para o que restou atrás? Como é que as cartas que escreve o ajudam a resistir?

O cotidiano em Angola não oferece a Lobo Antunes muito que contar¹². À mulher, Maria José, diz-lhe que quando lhe vai escrever pensa sempre – o que lhe pode dizer que lhe interesse?

A vida aqui é sempre igual, e a aventura interior nem sempre manda para fora uma mensagem apaixonante das suas peripécias. (...). As coisas reduzem-se a meia dúzia de necessidades elementares de cão em canil (comer, dormir, uivar um pouco a minha angústia) e praticamente mais nada. A única diferença é que o cachorro que sou agarra-se à minúscula esperança de um dia sair daqui (LOBO ANTUNES, 2007, p. 315-316).

Contudo, o relacionamento com Maria José é continuado pela escrita. É assim que, cada vez mais dominado pela amargura de ver-se confinado a uma situação injusta, enquanto o isolamento, a violência e uma morte prematura se afiguram como destino

¹² Podemos entender a falta de críticas explícitas à guerra e à ditadura, pelo fato da carta ser enviada num aerograma, exposto ao escrutínio e à censura; ainda assim, em maio, cinco meses após a sua chegada, escreve: “A maior parte das coisas não as posso contar e as minhas opiniões sobre esta guerra não devem ser escritas. Isto é tudo muito diferente do que aí se pensa, escreve e diz, e eu nada tenho esclarecido por motivos óbvios.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 153). Uma semana depois, outra menção súbita, breve, de apenas uma linha, em que Lobo Antunes afirma algo que, provavelmente, não lhe fosse alheio em Lisboa, mas é agora reafirmado como testemunha, como participante da situação: “Há tanta coisa a contar a respeito disto, que é tão diferente do que aí se julga...” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 160). A carta seguinte traz uma significativa referência às questões ideológicas com que se vê obrigado a debater, aos efeitos de ser confrontado com a frivolidade da guerra: “Começo a compreender que não se pode viver sem uma consciência política da vida: a minha estadia aqui tem-me aberto os olhos para muita coisa que se não pode dizer por carta. (...) Todos os dias me comovo e indigno com o que vejo e com o que sei (...) O meu instinto conservador e comodista tem evoluído muito, e o ponteiro desloca-se, dia a dia, para a esquerda: não posso continuar a viver como o tenho feito até aqui.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 161). Embora pouco evidente nos temas cotidianos abordados nas suas cartas, a crítica social e política de Lobo Antunes não deixaria de revelar-se através da sua obra literária, e os fragmentos do livro iniciado em Angola, enviados a Maria José para sua aprovação, permitem-nos entrever o cerne da sua escrita futura.

provável, Lobo Antunes escreve cartas preenchidas por preocupações mundanas, banais, de referência constante e sistemática, quase obsessiva: a decoração da nova casa (enquanto compra variados objetos de artesanato local), os projetos de ordenação do espaço consagrado aos livros e o tipo de móveis ideal para a sua arrumação; as fantasias que faz com Lisboa, da qual recorda a comida e os espaços, que de indiferentes se tornam memórias afetuosas e aprazíveis. O seu relacionamento amoroso também é continuado pela escrita, na tentativa de prosseguir com a sua vida sexual, que está também ela em suspensão – e termina as cartas com sugestões que relançam o erotismo: “Quero ouvir gritos! (...) Sentir as nossas duas ondas crescerem ao mesmo tempo, arremessarem-se uma contra a outra, rebentarem numa explosão de espuma.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 116). O nascimento da filha é, naturalmente, um tema a que regressa diariamente, criando um jogo de expectativas amorosas com relação ao ser amado: “Uma delas [das cartas] trazia o atestado da minha filha. Enterneceu-me imenso sentir, através daquele miserável papel, a sua existência real.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 260).

Deste modo, os dias são constantemente revistos por Lobo Antunes – mas são os dias que correm em Lisboa, aqueles que Maria José vive. Narrando exaustivamente sobre o que lhe era habitual, Lobo Antunes compraz-se na aproximação a essa vida, que vive na ausência. Escreve cartas porque vive em estado de exceção, porque deve resistir; porque precisa estabelecer um espaço de normalidade, já que o presente é um deserto ao seu redor. Por isso, escreve cartas com urgência.

Mas Lobo Antunes não deseja apenas interferir nessa sucessão de dias que continuam, impassíveis, o seu desenrolar em Lisboa, no seio do seu lar, o de Maria José. Quer igualmente reclamar o seu lugar na vida dos familiares e amigos, mesmo aqueles com quem não mantinha uma relação próxima (ao ponto de não saber os seus endereços). Surge assim, recorrente, a preocupação em escrever ao maior número de pessoas e em receber as respostas. A guerra privara-o da forma em que conduzia essas relações – Lobo Antunes responde escrevendo cartas:

Tenho procurado escrever a toda a família e amigos. Em cada dia escrevo uma carta para ti e para outra pessoa. Falta-me escrever para a tia Maria João, para o Necas, para o Zé Leitão e para o Martinha (...) Ao João, ao Miguel e ao Nuno não escrevo porque nunca me escreveram. Bem feita! (LOBO ANTUNES, 2007, p. 55).

O retorno é fundamental e Lobo Antunes exige-o:

Contra o que esperava, continuo sem notícias tuas (...). Ninguém me tem escrito, de resto: todos os dias procuro no correio cartas que não chegam, e, francamente, começo a desesperar de algum dia as receber (LOBO ANTUNES, 2007, p. 24).

Pede os endereços, pede nomes, quer escrever a todos, que todos se transformem em destinatários da sua escrita:

Continuo à espera dos SPM¹³ do Gildásio e do Jorge Rocha Mendes, e, logo que possa (entraram na bicha...) escreverei aos teus tios Isas, aos Jans e aos Fêfês. (LOBO ANTUNES, 2007, p. 64); Só me falta escrever a esses 4 (...) para completar a minha panóplia de correspondentes (LOBO ANTUNES, 2007, p. 73).

Lobo Antunes vê a solidão agravada pela demora das cartas em chegar aos destacamentos. A carência de notícias marca as suas jornadas e não lhe permite pensar em outra coisa que não seja no avião (o mesmo que transportava os alimentos frescos) que lhe trará as respostas. A interrupção da correspondência deixa-o desorientado e impedido de seguir o que resta do dia. Insiste na tristeza que representava a falta de correspondência, seja porque o avião não chega, seja porque ninguém se resolve a escrever. As cartas eram “a coisa mais importante do mundo para a companhia” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 37):

Mas veio o avião, e trouxe o correio (...) É pena lerem-se tão depressa... (...) guardei-as para as ler de novo à noite. Espero que no sábado, se o avião vier outra vez, cheguem mais. São para mim um balão de oxigénio... (LOBO ANTUNES, 2007, p. 142).

Nas cartas que escreve pede insistentemente quantidades notáveis de aerogramas:

¹³ O Serviço Postal Militar foi um código numérico organizado pelas Forças Armadas para o encaminhamento de correspondência oficial e privada para evitar que constassem, nos envelopes da correspondência enviada para África, o endereço onde o militar se encontrava ou a unidade a que pertencia. Era composto pelo número do Indicativo Postal Militar respectivo, mais vulgarmente conhecido por número do SPM. Disponível em: http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=169%3Aguerra-colonial-1961-1974-aerogramas-militares-omnf-e-o-servico-postal-militar&catid=26%3Aboletim-no-410&Itemid=15; <http://www.guerracolonial.org/index.php?content=2418>.

E insiste com a minha mãe para que me mande um quilo de aerogramas, para que eu possa, à falta de melhor, escrever a mim próprio.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 35); Quanto a aerogramas necessito 120 por mês, a fim de escrever as minhas habituais três cartas por dia – o que não é muito. Tenho sempre respostas em atraso... (LOBO ANTUNES, 2007, p. 49).

Acima de tudo, Lobo Antunes tem urgência nas respostas – pede para ser correspondido às suas cartas. Essa inquietação marca as cartas enviadas a Maria José durante o primeiro ano, mas desaparece depois da estadia em Lisboa por ocasião das férias, não sendo mais retomada.¹⁴ O desejo de retorno imediato vê-se nas reclamações que faz das respostas tardias ou ausentes de Maria José, e escreve:

Agora um protesto veemente: desde o teu telegrama que nunca mais recebi notícias tuas – nem tuas nem de ninguém. Vou aprender quimbundo para te insultar numa língua cheia de vogais, e sentirás o terrível peso da minha vingança (LOBO ANTUNES, 2007, p. 31).

Algumas passagens das suas cartas revelam um descontentamento com a comunicação que mantém com a família. Lobo Antunes critica as suas posturas. Em um momento, exercita um hipotético julgamento por parte dos familiares, sobre o seu caráter. O tom impiedoso descreve uma série de impressões imaginárias e, à luz destes pensamentos, escarnece das respostas reais que recebe na volta do correio, não sem alguma mágoa (LOBO ANTUNES, 2007, p. 178):

Tenho pouco ou nada a dizer à família para além das habituais efusões de ternura (...). Não sei se já reparaste que quase nunca ouvem o que dizemos, nem lhes interessa: em virtude do demasiado amor que nos têm escutam apenas o som da nossa voz e comovem-se com a música, como diante de um bláblá infantil. (LOBO ANTUNES, 2007, p. 124).

Lobo Antunes escreve cartas, porque “o insuportável não se pode prolongar muito mais tempo...” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 300): a sua escrita é uma escrita ansiosa que regressa repetidamente a questões

¹⁴ Do mesmo modo, a correspondência mantida por Sartre e Beauvoir durante a guerra, acaba por ser definitivamente interrompida com a instalação do telefone em sua casa.

ligadas ao cotidiano, uma “escrita compulsiva e diária que suplica angustiadamente pela pronta resposta” (SOARES, 2006, p. 2) – pelo retorno da vida:

Outra coisa, uma queixa: Tenho recebido cartas muito curtas. Não te quero obrigar a fazer o que não te apetece, mas, assim, quase posso pensar que não te agrada escrever-me (LOBO ANTUNES, 2007, p. 94).

Como é que o ato de escrever cartas ajuda Lobo Antunes a resistir a um tempo de exceção? Em princípio, ao escrever sobre o cotidiano, procurava dar continuidade à sua vida, por exemplo, sob a forma da fantasia do lar (do qual fora arrancado). Porém, devido à irregularidade própria do tempo postal e às contingências próprias das vidas dos seus remetentes (incluindo a sua esposa), o retorno não é sempre imediato – as respostas tardam, ou não respondem verdadeiramente às suas expectativas. Por isso, a dada altura, as suas cartas mudam e logo deixam de ser algo que pede uma resposta, uma resolução. O que se opera então é um deslocamento dos assuntos que dão continuidade ao que acontece em Lisboa, para dar lugar a outras inquietações, começando por uma reflexão sobre a escrita na escrita das cartas, assim como sobre o valor de si próprio como escritor. O fluxo da correspondência com Maria José continua, mas agora constando, maiormente, de envios de pequenos fragmentos da novela em que se encontra a trabalhar; as cartas estão dirigidas a ela, mas de fato já procuram o público que a futura novela exigirá como complemento (todos nós):

Espero que estes cadernos mostrem que sou um escritor, o que bastaria para que tudo valesse a pena. Espero com ansiedade a tua opinião. E, como os considero acabados, e, portanto, deixaram de me pertencer, podes mostrá-los a quem entenderes. (LOBO ANTUNES, 2007, p. 324).

Após a licença de férias em Lisboa, os primeiros dias em Angola parecem devolver a Lobo Antunes o entusiasmo pela escrita da sua novela, à qual passa a dedicar dias completos. A sua preocupação essencial é terminar de escrevê-la antes de sair de Angola, o seu único desejo é levá-la concluída para Portugal – “Que ao menos leve isso comigo” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 313). Alegra-se com os progressos diários: “A história avança como um tufão, a 10 páginas por dia. (...) Escrevo assim tanto para não pensar, acho eu” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 293).

As cartas não permitem a vida que levava, mas a obra permite uma vida possível naquela que agora leva (sem pensar nela):

Isto é uma terra de excessos de toda a ordem. Nada tem medida nem contenção: um bocado como a minha louca prosa, em que se cosem feridas com tiras de solda (...) Eu penso que esta história está decente (...) que descobri, depois de quase 16 anos de contato praticamente diário com as palavras, a maneira de as usar razoavelmente (LOBO ANTUNES, 2007, p. 302; 319).

De uma forma mais tradicional, as cartas também refletem o estado de exceção em que são escritas. Dias intermináveis, perpassados de uma pesada solidão, deixam em Lobo Antunes a sensação de viver confinado a uma prisão, à qual se soma a angústia de ver a vida, a sua própria vida, consumida num folego¹⁵. São muitos os temores registrados nas cartas, no que toca à manifestação dos efeitos da guerra sobre si: “Durante a noite acordo várias vezes ao menor ruído, o que vai contribuindo para me envelhecer, a mim e aos outros todos” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 141). Sabe que não pode esquecer o que viu e o que viveu, e isso leva-o a recear da sua capacidade para retomar a sua vida no ponto onde fora interrompida. Sabe que nada será como antes, depois de encerrada a experiência da guerra, e teme aquilo que o receberá, chegando a ter medo de não se recordar de si próprio (LOBO ANTUNES, 2007, p. 221).

Entre as representações dolorosas que Lobo Antunes compõe nas suas cartas para Maria José, a morte é uma imagem recorrente. A morte que testemunha cotidianamente, a dos companheiros no mato, a dos habitantes das aldeias circundantes, a dos seus pacientes. Mas também a morte de animais, relatada em diversos momentos – das chacinas higiênicas de matilhas inteiras, cujos cachorros errantes, sacrificados em prol da saúde da companhia, tiveram um dia, como costume, uivar ao recolher da bandeira, ao cair da noite, no quartel¹⁶; de morcegos atordoados, abatidos a golpes de toalha de mesa na sala de jantar da caserna; da breve vida de um pinto, ao ser surpreendido em

¹⁵ “Ando por aqui como uma alma penada, não escrevo, não falo, quase não respiro. A minha vida é tão monótona que nada não tenho para contar acerca dela. E afinal, Gago Coutinho é uma prisão como as outras, só um pouco maior e mais segura” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 257).

¹⁶ “São imagens como estas que levarei daqui: a bandeira a baixar, os clarins a tocarem, e um concerto uivante de cães a acompanhar a cerimônia.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 252).

campo aberto, próximo do arame farpado, pelo ataque silencioso de um predador¹⁷.

Embora não sendo o objeto principal da correspondência, entre a reclamação cotidiana e os fragmentos da obra (na batalha pela preservação da lucidez e a manutenção de um espírito crítico), Lobo Antunes detém-se no relato do horror que o rodeia. Estes súbitos trechos desassombrados, cobertos por uma indiferença calculada, não deixam de nos perturbar, envolvidos que estão no desenrolar dos temas cotidianos com os quais dividem o mesmo aerograma¹⁸. Das descrições de acidentes em combate envolvendo a companhia, ao sofrimento causado pela guerra à população local (onde crianças são estupradas¹⁹ e mulheres são queimadas por feitiçaria), Lobo Antunes vê outras vidas, em situação de extrema vulnerabilidade, sendo violentamente interrompidas – e, por vezes, deixa-se envolver pelo seu destino trágico.

Uma das cartas a Maria José fala da decisão de Lobo Antunes em adotar uma criança que encontrara sozinha, numa mata, abandonada à sua sorte após a morte dos pais. Frente ao destino precário de Tchihinga, resolve cuidar da menina, mantendo-a consigo no quartel, como uma companhia para a sua solidão. Essa decisão é exposta a Maria José com entusiasmo, nas breves linhas que lhe dedica no aerograma²⁰. A presença da menina vem quebrar a apatia, ocupando-se Lobo Antunes de trazer-lhe algum consolo. Alguns dias mais tarde, o avô de Tchihinga aparece no quartel para reclamar a neta, provocando a ira em Lobo Antunes. Acaba por devolve-la à família em pânico:

Ter-me-ei transformado numa besta? A ideia de perder a garota põe-me fora de mim. (...) Porra, mas é que nem a minha filha tenho comigo! E preciso de qualquer coisa a quem dar o meu afeto bruto e malcriado, mas torrencial. (LOBO ANTUNES, 2007, p. 309).

¹⁷ “Ontem, um dos vários falcões que rondaram o arame e o quimbo, sem mover uma pena, caiu de súbito sobre um pinto e levou-o nas unhas: espetáculo fantástico. E outro morcego veio esvoaçar perdidamente a sala. Um dos alferes (chama-se Homero e o pai Filinto), matou-o com a toalha de mesa.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 311).

¹⁸ “Tudo continua no ramerame do costume, que os acidentes brutais interrompem de quando em quando. Mas até isso, com o tempo, deixa de ser surpresa ou indignação: aceita-se com o fatalismo que aqui se aprende, feito de muita angústia e muito sofrimento banalizados e tornados cotidianos e familiares. Pode-se viver em plena paz com o medo e o horror e suportá-los ambos sem dificuldades de maior. É uma questão de nos tornarmos de pedra.” (LOBO ANTUNES, 2007, p. 303).

¹⁹ LOBO ANTUNES, 2007, p. 297.

²⁰ LOBO ANTUNES, 2007, p. 309.

Na luta solitária que trava dia após dia, na tentativa de ultrapassar o desgosto, a guerra *encosta-lhe o futuro à parede* e sobreviver parece-lhe uma tarefa impossível:

Nunca cheguei tão fundo na experiência do próprio desespero. (...) Uma brancura estéril e sem sombras, um reflexo baço.

Resistirei?

Como levantar-me, andar, sorrir, ter esperança (...) Será que, como diz o poeta ‘só há saída pelo fundo?’ (LOBO ANTUNES, 2007, p. 329).

“Feito de pedra e paciência”, trabalha na crônica da morte lisboeta – um romance que considera a última oportunidade que pensa dar-se a si próprio como escritor, depois de resolver entregar a vida à escrita, derradeira tentativa de libertar-se do seu “fardo de fantasmas”:

Eu queria que fosse uma espécie de História Natural dos Portugueses, corrosiva, sarcástica, chamativa, caricatural, cruel e terrível (...). Este Voo é uma espécie de mistura involuntária, uma afirmação de vida, de vitória da esperança sobre o desespero (LOBO ANTUNES, 2007, p. 161; 331).

Contudo, Lobo Antunes escreve. Escreve, não deixa de escrever, mesmo que oscile entre uma e dez páginas diárias, dias de estupor que alternam com uma dedicação particular e única à sua obra. A sua vida depende disso. Escreve para escapar desse lugar onde experimenta o exílio, o horror da guerra e a privação dos seres amados:

A história... Aqui para nós não vale nada. Mas ajuda-me a passar o tempo, e a não pensar na tragédia que isto é. (...) Eu não valho nada. Mas talvez os meus projetos, os meus sonhos, valham alguma coisa por mim. Nesta terra tenho enterrado os melhores meses da minha vida... E o que mais me custa é o coeficiente de absurdo desta aventura. É um preço caro o que estou a pagar para poder um dia viver aí (LOBO ANTUNES, 2007, p. 254; 256).

Pela escrita, Lobo Antunes regressa ao lugar que deseja, que lhe faz falta – já não Lisboa, já não o lar, mas a literatura; se fosse apenas o que deixou para trás, encontraria, não o oposto à guerra, mas algo que, sendo outra coisa, não deixa de o amargurar.

O tecido de relações cotidianas que constrói com a ida e volta das cartas, além de permitir a restituição

do cotidiano, serve igualmente a Lobo Antunes para recuperar a humanidade que, sente, pode perder a qualquer momento. Escrever a novela também:

A única coisa que me alimenta a coragem é a vontade de sobreviver. Ao fim de quase 7 meses 7 de inferno muita coisa muda dentro de nós. Perde-se, até, quase, o gesto de resistir e o de lutar. E é horrível não poder escrever certos episódios que aqui acontecem, insuportáveis. Meu Deus, o que há que fazer aqui! (...) Mas eu não sou um tipo de ação, mas por desgraça, um solitário que remói as suas angústias diante de uma folha de papel (LOBO ANTUNES, 2007, p. 255; 232).

A importância destas cartas escritas em tempo de guerra radica na especial forma de resistência que oferecem – uma resistência que tem que ver com o particular, a vida privada. As cartas de Lobo Antunes, embora pareçam não comportar sentido político imediato, muitas vezes focando temas fúteis, dão-nos vislumbres da existência cotidiana que vira interrompida e que no estado de exceção da guerra só sobrevive nas cartas.

Por outro lado, se bem que, inicialmente endereçadas a um destinatário específico, as cartas que Lobo Antunes escreve a Maria José perdem, por vezes, o seu destino original, o fio da conversa que supunham, o seu caráter privado; então as cartas se dirigem a todos nós, os imponderáveis destinatários. No fundo, todas as cartas escritas em tempos de exceção procuram um destinatário ideal – pela atenção e o tempo que exigem a paixão com que são escritas e a angústia com a qual são endereçadas. Nem os amigos, nem a família, nem Maria José podem ser esse destinatário ideal – e, nesse sentido, as cartas continuam abertas, à espera de um leitor que partilhe a mesma angústia, a mesma paixão e, quem sabe, um tempo análogo de exceção.

Em seus *Escritos*, Lacan adverte-nos que uma carta chega sempre ao seu destinatário. As cartas de guerra de Lobo Antunes foram compiladas pelas suas filhas e publicadas em 2005, sob o título rejeitado da sua primeira novela – *Deste viver aqui neste papel descrito* – após a morte da mãe e segundo o seu desejo²¹. E

²¹ Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes foram as responsáveis pela edição, pela D. Quixote, que tem vindo, desde 1976, a divulgar a obra de Lobo Antunes. Apesar do caráter íntimo próprio da correspondência, Norberto do Vale Cardoso enfatiza a importância de *Deste Viver Aqui Neste Papel Descrito* na literatura epistolar portuguesa, podendo ser considerado como um dos mais importantes conjuntos de cartas escritos da guerra para

ressurgiram recentemente, pela mão do realizador Ivo Ferreira, num filme que leva por título *Cartas da guerra*²². De uma ou outra forma, as cartas de Lobo Antunes, como tantas outras cartas escritas em estado de exceção, insistem em voltar uma e outra vez à procura do seu destinatário. E, nos tempos conturbados que vivemos, são cartas bem-vindas, porque nos confortam e nos alertam, porque nos dão força e meios para resistir, falando de que coisas que aconteceram faz tempo, mas que, lamentavelmente, continuam send-nos familiares – há forças obscuras que nunca deixaram de se insinuar no horizonte. A questão é: estaremos à altura dos destinatários que essas cartas procuraram e continuarão a procurar desde o passado em que foram escritas?

Agamben diz que o estado de exceção, longe de ser excepcional, tende cada vez mais se apresentar como o paradigma da governabilidade na política contemporânea (AGAMBEN, 2004). Idealizado como dispositivo provisional para situações de perigo, parece ter-se convertido num instrumento normal de governo. A guerra, com expressão do estado de exceção, não é a sua única manifestação. Vivemos o adensar de uma atmosfera inquietante em que se insinua um amanhã sombrio, lamentavelmente marcado pela manutenção e propagação dum permanente estado de exceção – formas que aniquilam direitos fundamentais como justificativa para salvaguardar a ordem interna. Nas periferias das grandes cidades, os alvos da violência continuam a ser os mesmos de sempre: pobres, negros, mulheres. Para além da cor da pele, do gênero ou da pobreza, estas pessoas partilham a condição de excluídos, de oprimidos, de relegados, e permanecem condenados

a metrópole. Cardoso afirma que “são um importante documento sobre o autor e sobre a época, mas, acima de tudo, para o estudo da obra do autor de *O Esplendor de Portugal*. Primeiramente referido como um livro sobre a solidão, os silêncios, a partilha, a amizade, a distância e o medo, não apenas de um homem, mas, afinal, de uma geração, a geração nos cus de judas, estas Cartas têm uma inegável importância documental e histórica (a guerra, o colonialismo) e biografista, mas extravasam esse estatuto mais documental, pois, em nosso entender, elas são fulcrais, acima de tudo, para o estudo da obra antuniana, e, muito em particular, para a abordagem do tema da Guerra Colonial dentro da obra do autor de *Memória de Elefante* e *Os Cus de Judas*. (...) este é um conjunto de cartas que o próprio considerou serem “(...) já um romance do António Lobo Antunes”. Não sendo um “romance epistolar”, as Cartas da Guerra podem, no entanto, ser consideradas um proto-romance, um trabalho inicial e anterior que servirá de oficina de trabalho aos primeiros romances [Memória de Elefante e Os Cus de Judas], publicados em 1979, romances em que, aliás, se incorporarão pedaços de cartas da guerra” (CARDOSO, 2007, 5-7).

²² Cartas da guerra. Diretor: Ivo Ferreira. Portugal: Foley Walkers Studio, O Som e a Fúria, 2016. Digital Cinema Package DCP. 105 min.

a continuar à margem de qualquer possibilidade de justiça, condenados a um apagamento progressivo até deixarem, efetivamente, de existir. Vemos a liberdade atacada em várias frentes: na assunção da diversidade, na livre expressão de ideias, no direito à reunião e ao debate público, no direito à manifestação e a ações de protesto. E assim, todas as formas do dissenso, no seu sentido essencial, vão sendo violentamente reprimidas pela polícia e tornadas crime pela justiça. É, acima de tudo, uma situação que contribui para o recrudescimento de práticas análogas à ditadura.

Estes acontecimentos, que temos vindo a testemunhar um pouco por todo o mundo, suspendem o estado de direito e sequestram o espaço público (espaço que deveria ser, por definição, um espaço de confronto, de dissenso), para dar lugar à primazia dos grandes interesses privados. Por essa razão, obrigam a deslocação das discussões a espaços alternativos, quase secretos, como os espaços que abre a correspondência.

Justamente, porque vivemos hoje um estado de exceção, e sentimos, como sentira Lobo Antunes, que corremos o risco de perder a nossa humanidade perante a impotência que nos assalta vendo coisas inaceitáveis que não deixam de acontecer – um cotidiano como o nosso, permeado pela desigualdade e a violência, pela falta de justiça e suspensão do direito – o ato de escrever, e o de escrever cartas, opõe a esse sentimento, e ao devir inumano que parece impor sobre nós o estado de exceção, uma forma de resistência²³.

Não se trata de ser pessimista, mas antes de não se iludir (ao nível do intelecto), mantendo, como dizia Gramsci, o otimismo da vontade. As novas tecnologias não mudaram o que é, essencialmente, uma carta: uma palavra dirigida de uma pessoa a outra, de um igual a um igual, e que, inconsistentemente, nos tempos de exceção que nos toca viver, clamam por tempos mais justos, mais livres e mais igualitários, onde a palavra possa ganhar espaço além de todas as cartas – nas ruas, nos parques, nas praças e nas assembleias, em plena luz do dia –, e aquele que recebe a carta não pode senão dela partir, e a sua resposta (imaginando que a deseja escrever) é o relançar de todo esse processo” (FENATI, 2012, p. iii).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

²³ Acerca do homem destituído do caráter de humanidade, ver Primo Levy em *É isto um homem*.

CARDOSO, Norberto do Vale. Algodões e Agonias nas Cartas da Guerra de António Lobo Antunes. *Diacrítica – Ciências da Literatura*. Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, v. 21, n. 3, p. 383-400, 2007.

FENATI, Maria Carolina. Carta ao leitor. In: FENATI, Maria Carolina (Org.). *Gratuita*. Vol. 1. Belo Horizonte; Lisboa: Chão da Feira, 2012. p. i-v.

GELMAN, Juan Gelman. Carta a mi nieto. Brecha, Montevideo, 23 nov. 1998. Disponível em: <http://www.juangelman.net/2011/07/13/carta-abierta-a-mi-nieto/>. Acesso em: 20 jun. 2016.

LOBO ANTUNES, António. *D'este viver aqui neste papel descripto – Cartas da Guerra*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

SOARES, Maria de Lourdes. Até ao fim do mundo – D'este viver aqui neste papel descripto. *Soletras*, São Gonçalo: UERJ, ano VI, n. 11, p. 42-47, jan./jun. 2006.

WALSH, Roberto. Gelman, Juan. Urondo, Walsh, Conti: la clara dignidad. In: *Prosa de prensa*. Buenos Aires: Zeta, 1997. p. 13-16.

_____. *Semblaiza escrita en ocasión de la muerte de Paco Urondo*. Disponível em: <http://www.juangelman.net/2011/08/07/semblaiza-escrita-en-ocasion-de-la-muerte-de-paco-urondo-por-rodrolfo-walsh/>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. *Carta aberta de um escritor à Junta Militar*. Buenos Aires, 24 de março de 1976. Disponível em: http://www.jus.gob.ar/media/2940407/carta_rw_portuges-espa_ol_web.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.

Documentos eletrônicos

Serviço Postal Militar. Disponível em: http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=169%3Aguerra-colonial-1961-1974-aerogramas-militares-o-mnf-e-o-servico-postal-militar&catid=26%3Aboletim-no-410&Itemid=15

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=2418%3E>

Filmes e música

Angola: Saudades from the One Who Loves You. Diretor: Richard Pakleppa. África do Sul, Namíbia: Luna Films/On Land Productions, 2006. DVD. 70 min.

Cartas da guerra. Diretor: Ivo Ferreira. Portugal: Foley Walkers Studio, O Som e a Fúria, 2016. Digital Cinema Package DCP. 105 min.

Diário de Uma Busca. Diretor: Flavia Castro. Brasil-França: Les Films du Poisson/Tambellini Filmes, 2010. DVD. 108 min.

Música lançada por Violeta Parra em 1971, cujo título inédito é *Los hambrientos piden pan*.

Recebido: 24 de julho de 2016

Aprovado: 21 de outubro de 2016

Autor/Author:

SUSANA GUERRA guerralocal@gmail.com

- Bolsista Capes de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Graduada em História (Iscte – Lisboa, Portugal) e doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal. É autora de *Portugal no Sítio: Origens e Renúncia da Extraterritorialidade, 1820-1925* (Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal - Instituto Diplomático, 2008). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativas de repressão e resistência; literatura e cinema pós-colonial; representações da ditadura na literatura e no cinema. Atualmente trabalha as relações que o cinema trava com a história quanto às possibilidades que oferecem as imagens, enquanto elementos para articular histórias alternativas.
- Post-doctorate fellow in the Postgraduate Program in Letters of the Universidade Federal do Pará, supported by Capes. Graduated in History (Iscte – Lisbon, Portugal) and PhD in History from the Faculty of Arts of the Universidade do Porto – Portugal. She is the author of *Portugal no Sítio: Origens e Renúncia da Extraterritorialidade, 1820-1925* (Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal - Instituto Diplomático, 2008). She has experience in History, with emphasis on Modern and Contemporary History, working mainly on the following themes: narratives of repression and resistance; Postcolonial literature and cinema; Representations of dictatorship in literature and cinema. She works currently on the relations that cinema hangs with the history regarding the possibilities offered by the images as elements to articulate alternative stories.